

BRASIL

SAÚDE

Brasil vai participar da maior pesquisa já feita no mundo sobre o uso do interferon no combate a doença que ataca o sistema nervoso

Estudo busca tratamento para a esclerose múltipla

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

Há três anos, Maria Lúcia Neves parou de dar aulas. Foi nessa época que ela teve a pior crise de esclerose múltipla. A partir daquele mês de agosto de 2001, quando começou a desmaiar repetidas vezes, ela nunca mais foi a mesma. Não consegue, por exemplo, abrir latinhas de refrigerantes. "Não tenho força nos braços", conta a mulher de 41 anos e que sofre com a doença há 13. Maria Lúcia deixou Brasília para morar com o irmão no Rio de Janeiro quando descobriu que não conseguia puxar a porta do elevador antigo do prédio em que morava na Asa Sul.

Apesar de não ter muita convicção quanto à possibilidade de melhora, ela tenta manter o otimismo. "A gente vai levando. Tem dias que eu me sinto bastante disposta", afirma. Assim como Maria Lúcia, 15 mil pessoas sofrem com a esclerose múltipla no país, segundo estimativas da Sociedade Brasileira de Esclerose Múltipla. Boa parte dos pacientes é formada por mulheres, as mais afetadas pela doença.

Hoje, no Dia Nacional de Conscientização sobre a Esclerose Múltipla, essas pessoas tiveram uma boa notícia: a ciência se empenha na busca da cura para a enfermidade. Juntamente com 25 países, o Brasil vai participar do maior estudo clínico já realizado sobre o tratamento da doença no mundo. Serão dois anos de estudos sobre o uso de uma dosagem maior de interferon, até hoje o medicamento mais eficaz empregado no combate à doença.

O laboratório Schering é o responsável pelo ensaio clínico. No Brasil, oito locais de referência no combate à doença assumirão a responsabilidade pelo tratamento de 80 voluntários. Durante os dois anos da pesquisa, essas pessoas receberão medicamento, farão consultas e exames periódicos. Os centros médicos escolhidos ficam em São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco e Paraná.

A seleção dos pacientes será feita neste mês. Os interessados em participar da experiência na condição de paciente podem telefonar gratuitamente para o número 0800-30040. Mas serão selecionados para o estudo apenas aqueles que nunca tenham feito tratamento com interferon ou qualquer quimioterapia.

Teoria

O estudo vai comparar a dosagem de medicamento que é aplicada hoje, 250 mcg em injeções subcutâneas, com uma dose dupla, de 500 mcg. Nos dois casos, a aplicação do remédio será feita em dias alternados. Os médicos esperam encontrar o mesmo resultado obtido com o estudo-piloto, feito nos Estados Unidos com 71 pacientes.

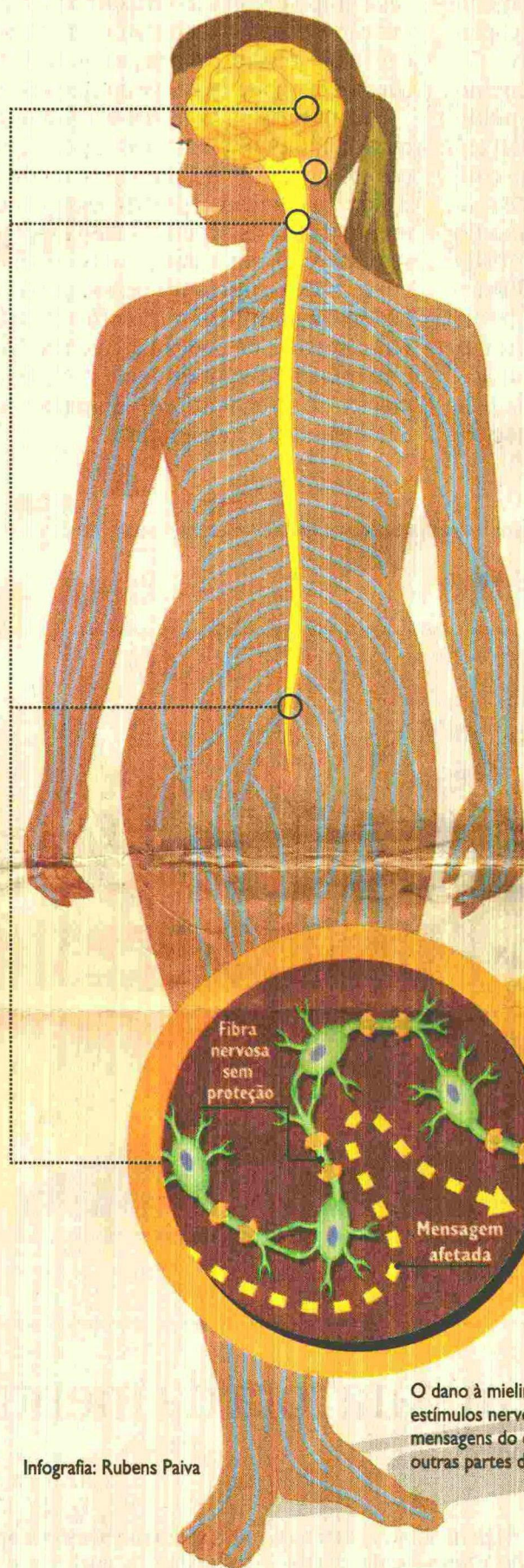
De acordo com especialistas, a dose mais elevada no tratamento de pacientes com esclerose múltipla foi bastante positiva. Segundo eles, o importante é que a dosagem do medicamento seja aumentada progressivamente para que o organismo tenha tempo de se adaptar à nova quantidade de remédios.

O interferon atua no causador da esclerose. A doença surge quando o sistema imunológico ataca a mielina, revestimento de gordura que protege os neurônios. As lesões são diminuídas em até 70% quando o paciente é medicado adequadamente. Os médicos esperam que, com o aumento da dosagem do medicamento, as lesões aos neurônios possam ser diminuídas em até 90%, retardando os efeitos da doença.

COMO A DOENÇA SE PROPAGA

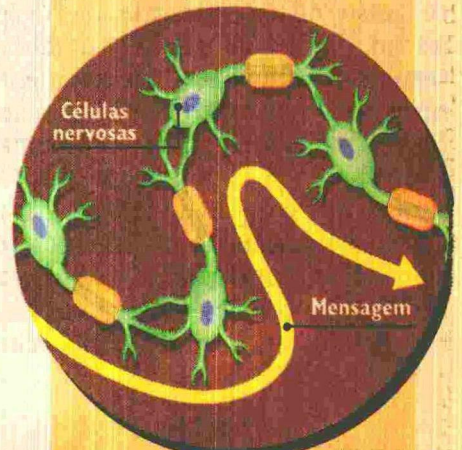
Doença neuroimunológica (que envolve o sistema nervoso e de defesa) de causa desconhecida que apresenta lesões no sistema nervoso central (SNC). Caracteriza-se por surtos periódicos e tende a piorar a cada crise. Pode também ser progressiva, com piora constante. Lesa a mielina, camada que recobre o nervo e liga o cérebro ao corpo

ÁREAS QUE PODEM SER LESIONADAS

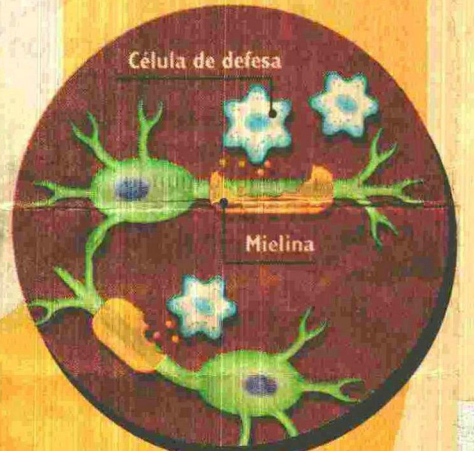


ORIGEM DO MAL

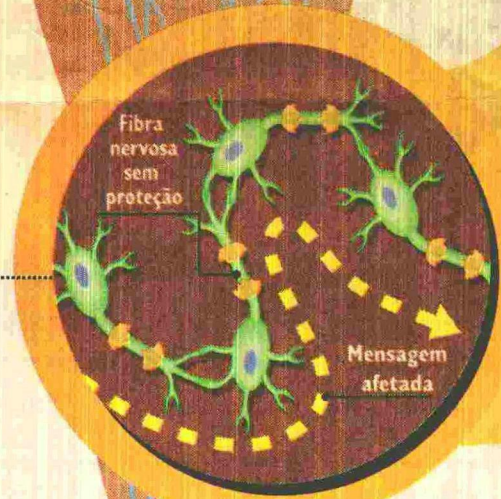
A comunicação entre o cérebro e o resto do corpo (células, tecidos e órgãos) é feita através de uma rede de nervos, cuja via central é a medula espinhal, de onde saem fibras nervosas para todas as partes do organismo



A rede nervosa é constituída por milhares de células especializadas que conduzem mensagens para todo o organismo. Os neurônios usam a mielina para se comunicar



A esclerose múltipla começa com um distúrbio no sistema imunológico. Algumas células de defesa identificam a mielina como uma substância inimiga e passam a atacá-la



O dano à mielina, que transmite estímulos nervosos, impede que as mensagens do cérebro cheguem a outras partes do organismo

Infografia: Rubens Paiva

TIRA DÚVIDAS//

1 O que é a esclerose múltipla?

É uma doença do sistema nervoso central que aparece quando o sistema imunológico ataca a mielina, um revestimento de gordura que serve para proteger os neurônios.

2 O que acontece sem esse revestimento?

O dano dificulta a transmissão dos impulsos elétricos nervosos, degenerando funções como a coordenação motora, a visão, a fala, o controle da bexiga e dos intestinos.

3 Existe uma idade para que a doença apareça?

A esclerose surge entre os 15 e os 50 anos, atingindo principalmente mulheres, numa média de duas para

cada homem. A doença não é hereditária, ainda que a prevalência seja maior em pessoas da mesma família.

4 Quais são as causas da doença?

A causa exata da esclerose ainda é desconhecida. Muitos cientistas acreditam que a doença resulta de uma resposta anormal do sistema imunológico, que em vez de proteger o organismo passaria a atacá-lo.

5 E os sintomas da doença, quais são?

Os sintomas dependem das áreas do cérebro afetadas. O mais comum é que os pacientes tenham alguns desses problemas: fraqueza, formigamento, cansaço, alterações visuais, tremor, rigidez muscular, problemas intestinais, urinários, dificuldade de fala, falta de coordenação muscular, disfunção sexual, perda de memória de curto prazo e, ocasionalmente, distúrbios mentais e de raciocínio.